

INTRODUÇÃO

Por razões de ordem, tanto técnicas, como de economia de tempo, decidi-me por adotar, em meu texto, a mesma distribuição espacial da matéria, que é a do livro analisado.

Com o intuito de evitar repetições enfadonhas e/ou inúteis, trabalhei de acordo com o critério de escolha e análise crítica de casos e/ou aspectos considerados exemplares. Assim, características eventualmente presentes em diversas passagens da obra, serão abordadas e criticadas uma única vez.

1. ANÁLISE DA INTRODUÇÃO

Característica saliente dos primeiros parágrafos da introdução é o enfoque que apresenta como contrapostos dois tipos possíveis de relacionamento com o tempo: o nosso, que o teria transformado em "mercadoria", e o das chamadas sociedades primitivas, aqui denominado "natural". O tempo mercadoria, o tempo "rentável", portanto, os autores o denominam "taylorizado".

Taylorismo seria para os autores este instrumento, que não é do diabo porque é de Taylor, que, através da racionalização do processo produtivo e conseqüente aumento da produtividade, assegura à classe dominante, e o faz "definitivamente" no que toca ao tempo, o exercício de um controle, cada vez mais vasto, sobre os trabalhadores.

* Professor do Departamento de Pedagogia da UFU

A introdução termina com a questão, colocada em forma de pergunta, do despertar, ainda embrionário, de eventuais alternativas à "sociedade do trabalho".

2. ANÁLISE DO PRIMEIRO CAPÍTULO: "EM BUSCA DO HOMEM-BOI"

Uma rápida descrição do taylorismo, apresentada com auxílio de um exemplo, montado pelos autores, abre o primeiro dos capítulos da obra, que ora analisamos.

Segue um pequeno esboço biográfico-informativo sobre o indivíduo Frederick Winslow Taylor (1856-1915). Engenheiro americano, homem a quem se atribui um método de organização do trabalho capaz de transformar tempo em dinheiro, Taylor nos é paradoxalmente apresentado como alguém que abnegadamente deixa de lado qualquer interesse de ordem financeira para perseguir um objetivo único, a saber: a criação de um método dito "científico" de organização e direção do trabalho. Para tanto, dois grandes obstáculos devem ser superados: a lentidão proposital, por parte dos operários, e a anarquia generalizada dos processos de produção.

Logo após, uma breve alusão a um estudo de caso, retirado da obra de Taylor, e considerado representativo pelos autores, esclarece o porquê do título um tanto estranho, do presente capítulo. Em uma passagem citada e, a meu ver, claramente manipulada pelos autores nos comentários, Taylor se refere a um operário "do tipo boi" por ele considerado adequado à execução de uma tarefa determinada, que requeria o uso da força física, mas não o da inteligência.

A seguir, há uma listagem comentada dos quatro princípios considerados básicos do taylorismo. A primeira dificuldade, que se me apresenta, diz respeito à distinção necessária entre comentário e enunciado. Como não há uso de aspas, é de se supor que a formulação dos enunciados seja dos próprios autores. Se esta suposição, porém, é correta, então é alta a probabilidade de que o comentário, em forma de interpretação, por exemplo, esteja já presente no próprio enunciado. Como, por outro lado, não há indicação exata da fonte de origem dos princípios, o leitor se vê duplamente dificultado. Em primeiro lugar, em seu direito e dever de teste relativo à probidade e capacitação científica dos autores. Em segundo, no exercício tão necessário de crítica, baseada no conhecimento dos fatos, à obra de Taylor.

Formulados os princípios, os comentários, que os acompanham, mantêm o padrão anteriormente observado por oportunidade de seu enunciado. Afirmações, tais como: "Ele (Taylor) compreende muito bem como a organização do trabalho pelo próprio operário é uma arma contra o capital, . . ." (p. 22) ou: "Consuma-se aí a dominação do capital sobre o trabalhador. . ." (p. 22) permeiam os comentários do início ao fim. Tais afirmativas, de caráter acusativo e conteúdo provavelmente verdadeiro, permanecem, contudo, completamente desvinculadas de qualquer referência comprobatória às fontes, no caso, o texto ou os textos de

Taylor. Tal fato, que considero grave, dificulta a tarefa do leitor atento, negando-lhe as informações necessárias à prática de uma leitura crítica. Mais nefastas, porém, são as consequências para o leitor iniciante, cujos hábitos de leitura e estudo são já desde os "primeiros passos" sistematicamente deformados.

Uma recorrência possível aos critérios, ou mais precisamente à falta deles, que orientam a série "Primeiros Passos", como tentativa de rebater minhas colocações críticas, confirmaria apenas, agravando, creio eu, a pertinência delas. Confirmaria apenas, dada a aceitabilidade e difusão desta série, o diagnóstico que atribuí à atual produção intelectual brasileira o estado desolado de raquitismo generalizado e provavelmente incurável.

3. ANÁLISE DO SEGUNDO CAPÍTULO: "O SOLDADO DO TRABALHO"

No segundo capítulo, o modelo argumentativo fixado pelos autores adquire contornos ainda mais nítidos. As afirmações se multiplicam, o conteúdo se radicaliza, a preocupação de propagar a verdade, que julgam possuir, substitui gradativamente as de mantê-la coerente e de fundamentá-la.

A título de exemplo, citarei dois trechos. Retirados, o primeiro deles do segundo parágrafo, e o segundo do quinto parágrafo. No primeiro aparece a expressão que deu título ao capítulo: "Seu objetivo (do método de Taylor) é muito mais amplo do que fazer com o que o trabalhador 'economize tempo', (...), já que objetiva construir a própria identidade da figura do trabalhador: *O soldado do trabalho, ...*" (p. 26). O leitor se pergunta em vão, onde na obra de Taylor a(s) passagem(s), que contêm ou autoriza(m) a dedução de tais afirmativas.

O segundo, como outros de resto, me deixa perplexo, me assusta, devido à gravidade do erro contido na informação, que ele transmite: "... o significado essencial da técnica(...), como produto da cultura burguesa, como materialização de uma idéia produzida no contexto da luta de classes." (p. 27). Apresentar a técnica como "produto da cultura burguesa", é, se admitimos o pressuposto da integridade moral e intelectual dos autores, ignorância crassa, desconhecimento grosseiro da história da humanidade. Qualquer manual escolar pode, neste particular, fornecer as informações necessárias.

Não há, na sequência deste segundo capítulo, nenhuma mudança, nenhum acréscimo de qualidade a estes dois exemplos.

4. ANÁLISE DO TERCEIRO CAPÍTULO. "TAYLORISMO E RESISTÊNCIA OPERÁRIA"

O terceiro capítulo se limita à realização de um balanço histórico de caráter acentuatadamente informativo da expansão do "taylorismo", assim como da resis-

tência operária a ele, nos Estados Unidos e na França, desde os fins do século passado. Os autores não seguem, no entanto, um plano rigoroso de análise, nem expõem, de maneira clara, os objetivos do capítulo. São fornecidas informações relativas às posições em conflito, bem como os resultados parciais, que favorecem uns: os patrões, em detrimento de outros: os trabalhadores.

5. ANÁLISE DO QUARTO CAPÍTULO: "O DOPOLAVORO NA ITÁLIA FASCISTA"

Na Itália, a acreditar nos autores, o "taylorismo" é introduzido e se estabelece com a implantação do regime fascista. O presente capítulo ocupa-se, em primeiro plano, com a coincidência estreita de objetivos, que os autores julgam verificar entre a ideologia fascista e o "taylorismo". A instituição fascista, de inspiração supostamente "taylorista", de círculos recreativos para os operários, conhecidos sob a denominação geral: "dopolavoro", nos é apresentada através da descrição de três exemplos famosos. Destes, mereceu especial destaque, por parte dos autores, o da empresa Fiat. A função destes círculos seria substituir as tradicionais organizações trabalhistas e solidificar os laços entre o operário e a fábrica.

O último parágrafo prepara a passagem para o próximo capítulo nos seguintes termos: "O empenho do Estado fascista na construção da fábrica asséptica e de um mundo apolítico, no entanto, ficou devendo muito se comparado às atividades desenvolvidas pelo Departamento da Beleza do Trabalho da Alemanha Nazista." (p.70).

O que os autores contudo esquecem de acrescentar, fato curioso, senão sintomático, é que a ideologia — freqüentemente mascarada — do não trabalho, a prática sistemática da preguiça, o parasitismo, o festejar a vida às custas do próximo, a anarquia e incompetência adicionadas à corrupção, que tudo isso convive em nosso continente em harmonia íntima com regimes de extrema direita.

Há mais coisas, portanto, "entre o céu e a terra", do que aquelas que nossos autores desejariam de bom grado aceitar.

6. ANÁLISE DO QUINTO CAPÍTULO. "A BELEZA DO TRABALHO NA ALEMANHA NAZISTA"

O quinto capítulo descreve o que já havia sido prometido no quarto: as atividades desenvolvidas pelo "Departamento da Beleza do Trabalho", experimento mais vasto, mais organizado e de conseqüências mais acentuadas, que o correspondente italiano. A ação do "Departamento" se estendeu a todo o país com o objetivo autodeclarado de melhoria das condições gerais no ambiente de trabalho: dos aspectos físicos como higiene, conforto, beleza até os sociais e políticos. Para o estado nazista, contudo, o "Departamento" foi um poderoso instrumento de influên-

cia sobre os empresários e, sobretudo, de controle da classe trabalhadora, ambos necessários à preparação da guerra, que viria.

Sete anos de vida na Alemanha, porém, me convenceram de que os operários alemães, em sua grande maioria, jamais se sentiram sob o regime nazista "... subjugados (...) e humilhados pela negação de suas potencialidades." (p. 83) Fator, aliás, decisivo, na época, à consolidação do regime e, nos dias atuais, à preservação e prática da criminoso ideologia nazista.

7. ANÁLISE DO SEXTO CAPÍTULO: "O HERÓI DO TRABALHO NA URSS"

No último capítulo, antes de concluir, os autores se ocupam em mostrar a gênese histórica dos fatos, que em sua opinião aproximam, em importantes aspectos, a situação real dos trabalhadores socialistas daquela de seus colegas de profissão no capitalismo.

Após expor e discordar da opinião de Lênin, os autores afirmam que: "Na realidade, a introdução do taylorismo na Rússia foi uma consequência da direção que o Partido Bolchevique imprimiu ao processo revolucionário. O taylorismo estava subordinado a uma idéia mais ampla que tomou conta do desenrolar deste movimento histórico: o princípio da autoridade e da centralização." (p.86-7)

Segue um retrospecto rápido do desenvolvimento do comunismo na União Soviética, da opinião de seus principais líderes, relativamente às formas de organização do trabalho mais adequadas à construção do socialismo, das opiniões críticas e atitudes diversas de resistência, para, finalmente, desembocar na afirmação: "As inúmeras manifestações operárias de que se tem notícia na esfera do 'socialismo real' nos mostram que a situação do operariado no interior da esfera produtiva pouco se tem diferenciado de seus colegas do mundo capitalista". (p.95).

8. ANÁLISE DA CONCLUSÃO

Intitulada "Concluindo..." esta parte última do livro, objeto de minha análise, é articulada em dois momentos distintos. De início, ela nos mostra a penetração, à primeira vista inesperada, dos princípios metodológicos de Taylor em atividades tais como: o trabalho doméstico e o exercício da profissão médica. A seguir, porém, os autores expressam a esperança, que é sua, e a convicção de que uma frente contestatória, ainda difusa, contudo cada vez mais ampla, articulada e eficaz, se forma contra o "taylorismo".